

Cidadãos e cidadãs brasileiros/as vitimados/as no Chile entre 1973 e 1976.

Milhares de brasileiros e brasileiras foram acolhidos e protegidos pelo povo chileno entre os anos de 1964 e 1973. Conheceram a alegria, a solidariedade, a vida intensa e fraterna que nascia no Chile. A partir de setembro de 1973, centenas deles conheceram o medo e o desamparo, o sequestro e a tortura. Brotaram assim dois sentimentos ligados: como símbolo de gratidão pela acolhida e como insígnia de orgulho por haver participado e contribuído com seu trabalho e seus saberes naquela gesta. Alguns desses homens e mulheres entregaram à terra chilena seu sangue generoso,



Nas primeiras horas do Golpe civil-militar, as proclamações da Junta auto-eleita chamavam os chilenos a denunciar e entregar às autoridades mais próximas, sem qualquer prova, os brasileiros e outros estrangeiros residentes no país. Eram nomeados como subversivos, terroristas, marxistas, violadores, totalitários, ladrões. Bastava apontar o dedo a uma pessoa, uma residência, um escritório, e estava selado o destino dessa pessoa ou família.

Já na manhã de 11 de setembro as redadas se fizeram sentir, arrastando em sua trilha de ódio e ilegalidade adultos, idosos, crianças, enfermos. Esta massa humana foi sendo depositada de maneira brutalmente anárquica, em diferentes recintos. Começando por delegacias, escolas, navios, hangares, academias, regimentos nas regiões próximas aos sequestros, seu volume aumentou de forma rápida, obrigando os esbirros a buscar novos lugares de detenção e depósito, que se materializaram mais notoriamente no Estádio (Ginásio) Chile e no Estádio Nacional, na capital Santiago.

A motivação odiosa, a desordem, a falta de mando, a xenofobia, o estímulo de parte de superiores hierárquicos e a falta de planificação de militares, carabineiros, policiais e civis, acarretaram situações de graves sofrimentos e vexações aos prisioneiros. Espancamentos imotivados, corredor polonês, falta de alojamento, falta de alimento, falta de água, falta de higiene, falta de abrigo, falta de atenção médica, se somados a assassinatos sumários, execuções pseudo judiciais, tortura elétrica e pau-de-arara, aula de tortura dada por brasileiros, desaparecimento de vítimas, terrorismo psicológico, interrogatórios delirantes, torturas brutais, violência sexual sem distinção de gênero, simulacro de fuzilamento, roubo de botim, crimes de homofobia, formaram o cenário desde as primeiras horas após a deposição do Presidente Salvador Allende.

Mais de uma centena de brasileiros/as sofreram o repertório completo da sevícia, da dor, da humilhação, da fome e sede, do desamparo, do medo, da mutilação e da vergonha. As sequelas psicológicas os acompanharam pela vida, em especial no caso de crianças que suportaram os mesmos maus tratos. As cicatrizes e disfunções físicas igualmente seguiram seu sínodo para novos exílios, entorpecendo a vida comum, as habilidades técnicas, as relações afetivas, profissionais, de fraternidade. Em ambos os países Chile e Brasil, a maioria de tais crimes permanecem impunes. (*)

Biografias breves de vítimas fatais brasileiras

Vítima em democracia, antes do golpe

Nilton Rosa da Silva nasceu a 2 de fevereiro de 1949 em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Tombou assassinado na Santiago do Chile ainda democrática, com um tiro na cabeça, no final da tarde de 15 de junho de 1973. Nilton morreu aos 24 anos. Havia chegado no Chile em 1972, seguindo o caminho de outros tantos brasileiros que fugiam da repressão em sua terra. Registrava seus versos íntimos, era poeta, e levou para o exílio a experiência de militar no movimento secundarista gaúcho. Conhecido pelos amigos como “Bem-Bolado”, Nilton estudou na Escola Técnica Parobé, em Porto Alegre, e integrou a direção da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas no biênio 1967/68. Quando o AI-5 jogou o movimento estudantil à margem da legalidade, seguiu articulando as mobilizações clandestinamente. Com o aumento das perseguições, vai para o Chile, onde ingressa na Escola de Castelhana da Universidade do Chile e milita ativamente no movimento estudantil revolucionário. Ao participar de um grupo que defendia a sede do Partido Socialista, na Calle San Martin de Santiago, é baleado mortalmente por uma milícia fascista. O sepultamento de Nilton reuniu 100.000 pessoas, mantendo-se até hoje sua tumba perpétua como centro de devoção política. Frente a seu alojamento no Instituto Pedagógico da antiga Universidade do Chile, seus colegas plantaram um jacarandá florescente, e sua cidade natal o homenageia com o Centro Cultural ‘Orelhinha’, outro de seus apelidos.

Vítimas no turbilhão do golpe

Wânio José de Mattos nasceu em 27/4/1926, em Piratuba (SC). Era capitão da Força Pública do Estado de São Paulo e formado pela Faculdade de Direito da USP. Após o divórcio da primeira esposa, Wânio casou com Maria das Dores Romaniolo, com quem teve uma filha, Roberta Romaniolo de Mattos. Ainda no Brasil, foi preso em 24 de abril de 1970 pelos agentes da Operação Bandeirantes. Integrou o grupo dos 70 presos políticos banidos do país em troca da liberdade do embaixador suíço, indo para o Chile em janeiro de 1971. Maria das Dores e a filha, ainda bebê, foram para Santiago, onde a família passou a residir. Wânio tornou-se docente da *Universidad Técnica del Estado - UTE* -, atual USACH. Em 11 de setembro de 1973, Wânio foi sequestrado com a companheira, ficando Roberta aos cuidados de vizinhos. Levado para o Estádio Nacional, enfermo de peritonite, morreu por falta de atendimento médico deliberado, no dia 16 de outubro daquele ano. Em audiência no Senado Brasileiro, o médico brasileiro Otto Brockes, também preso no Estádio Nacional, disse: “Era uma cirurgia de urgência, e passaram mais aqueles dias. Aí, eles resolveram atender. Parece que isso foi numa segunda-feira – não tenho certeza da data. Na quarta ou quinta-feira, chegou a notícia de que eles foram operar, mas estava tudo gangrenado, e o Wânio morreu. Foi um crime praticado por médicos, por militares.” Na mesma audiência, Vitório Sorotiuk, Ubiramar Peixoto de Oliveira e Dirceu Luiz Messias, que estiveram com Wânio naquela etapa, testemunharam sobre o sofrimento que Wânio passou.

Tulio Roberto Cardoso Quintiliano nasceu a 6 de setembro de 1944, no Rio de Janeiro. Estudou engenharia na PUC-RJ, militava no PCBR e participava do movimento estudantil. Preso em abril de 1969, passou por vários centros de detenção cariocas nos quais foi torturado. Liberado após quatro meses, formou-se e foi trabalhar como engenheiro. Em julho de 1970, ao ser condenado pela Auditoria do Exército a um ano de prisão, ingressou no Consulado do Chile e pediu asilo naquele país, que foi concedido ainda no governo de Eduardo Frei. Viajou para Santiago em 10 de outubro de 1970. Lá passou a trabalhar na gerência de obras civis da *Corporación de la Reforma Agraria* – CORA -. Casou-se com Narcisa Beatriz Verri Whitaker, com quem teve uma filha, Flávia, nascida em 1972. No dia seguinte ao golpe militar que depôs Salvador Allende, foi detido com a esposa em sua casa, por uma patrulha militar, sendo ambos levados para a Escola Militar. Beatriz foi liberada na mesma noite, enquanto Túlio permaneceu detido por não estar de posse de seu documento de residência no Chile. Assim que foi suspenso o toque de recolher, Beatriz retornou ao local com os papéis do marido, mas Túlio já não se encontrava lá – teria sido trasladado ao Regimento Tacna. Nunca mais foi visto. A Justiça Chilena emitiu diversas sentenças contra o ex-coronel do Exército Luiz Joaquín Ramírez Pineda, à época comandante do Regimento Tacna, a mais recente (Setembro de 2023) incluindo penas pelo caso de Túlio Roberto Cardoso Quintiliano.

Luiz Carlos Almeida nasceu em 25 de novembro de 1945. Formou-se em Física pela Universidade de São Paulo, onde era professor de Física Experimental. Em 1971, foi decretada sua prisão preventiva, por isso exilou-se no Chile em meados de 1972. A partir de abril de 1973, passou a trabalhar como professor de Física da Faculdade de Engenharia da *Universidad Técnica de Santiago* (UTE, atual USACH). Em setembro de 1973, os amigos Luiz Carlos Almeida e Luiz Carlos de Almeida Vieira foram sequestrados e levados para a delegacia do bairro, onde foram identificados e aguardaram em uma cela por algumas horas, até serem levados para o Estádio Nacional, transformado naqueles dias em campo de concentração.

O relato que se segue é de Luiz Carlos Vieira: "... A última viagem levou-nos às margens do rio Mapocho. Os soldados mostravam-se nervosos e agiam com violência. O uruguaio encaminhou-se para a beira do rio e jogou-se nas águas, sendo imediatamente metralhado por um soldado. O oficial mandou Luiz Carlos fazer o mesmo. Um soldado seguiu-o e disparou demoradamente. Depois foi a minha vez. Das três balas que me atingiram, uma pegou de raspão na cabeça, fazendo-me perder os sentidos por algum momento. Quando recuperei a consciência, senti-me levado pela leve correnteza do rio, ouvi as vozes dos soldados, vi as luzes dos caminhões refletirem-se nas águas do rio, iluminando os corpos inertes de meus companheiros...". O desaparecimento e morte ocorreram em Santiago do Chile, em 13 ou 14 de setembro de 1973.

Nelson de Souza Kohl, paulista da cidade de Marília e estudante da Universidade de São Paulo (USP), onde cursava Comunicação. Militante, no Brasil, do Partido Operário Comunista (POC) e exilado no Chile, onde trabalhava, em Santiago, no Centro de Estudos Econômicos e Sociais. Após período de exílio na Argentina, foi para o Chile, em 1972, época em que foi julgado à revelia pela 1ª Auditoria do Exército, em São Paulo, sendo condenado a dois anos de prisão.

Em 15 de setembro de 1973, foi sequestrado pela Força Aérea do Chile, na presença de familiares adultos e crianças. Desde esta data, está desaparecido. A Comissão de Representação Externa para Mortos e Desaparecidos Políticos da Câmara Federal, em pesquisa realizada no Chile, localizou o atestado de óbito do brasileiro, onde consta que o mesmo morreu em suposto confronto com a polícia. Este atestado foi assinado pelo médico Alfredo Viana, o mesmo que atestou a morte de inúmeras outras pessoas no golpe de 1973, entre elas Salvador Allende.

Vítima após o golpe, na resistência interna

Jane Vanini nasceu em Cáceres (Mato Grosso), a 8 de setembro de 1945. De 1968 a 1970, participa da resistência democrática no Brasil, viajando logo ao Uruguai e diversos outros países. Volta ao Brasil. Em 1971 vai para o Chile, onde milita durante o governo chileno do presidente Salvador Allende. Une-se ao jornalista José Tapia Carrasco e milita legalmente durante e clandestinamente após o governo chileno da Unidade Popular. Em setembro de 1973, com o golpe de estado, refugia-se em Concepción (Chile), onde na noite de 6 de dezembro de 1974 é assassinada no Bairro Lorenzo Arenas, depois de ter sua casa invadida por militares chilenos. Coagida a entregar-se pelos militares, resistiu. No local se produziu um tiroteio que resultou na sua morte. A seguir, os algozes levaram seu corpo com destino desconhecido. Posteriormente encontrados, seus restos foram repatriados para o Brasil.

Após o golpe, na Operação Condor

Maria Regina Marcondes Pinto nasceu em Cruzeiro, Estado de São Paulo, em 17 de julho de 1946. Era estudante de Ciências Sociais na USP (Universidade de São Paulo). Em fins de 1969 e início de 1970, saiu do Brasil para encontrar com seu companheiro em Paris. Após seis meses, foram para Santiago no Chile, onde se ligaram aos partidos de esquerda.

Maria Regina lá permaneceu estudando, até que foi presa em seu bairro quando houve o golpe de Estado que depôs o presidente Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973. Conseguiu sair do país, dirigiu-se ao Brasil, para em seguida viajar para Buenos Aires, Argentina, onde estudou e trabalhou como professora de Português na escola de línguas Berlitz. Em 10 de abril de 1976, em Buenos Aires, Maria Regina devia encontrar-se com o médico e dirigente político chileno Edgardo Enríquez, e desde então nunca mais foi vista. O apuro profissional deste sequestro sem vestígios, na época em que também desaparece o estudante brasileiro Jorge Alberto Basso e todo um grupo de chilenos exilados, indica uso prévio de inteligência e operação profissional, típico da Operação Condor chilena daquele momento. O local do rapto é Buenos Aires. Está em marcha um inquérito por parte do Ministério Público argentino, para este conjunto de desaparecidos.

Jorge Alberto Basso nasceu em 17 de fevereiro de 1951, fazendo seus estudos médios no Colégio Julio de Castilhos em Porto Alegre, onde exerceu liderança estudantil. Em 1971, expatriou-se para Chile, ingressando no Curso de História da Universidade do Chile, onde destacou-se como dirigente estudantil e político. Com o golpe de estado de setembro de 1973, passa a residir na Argentina, onde tinha parentes, mantendo vínculos com a resistência chilena exilada. Em 10 de abril de 1976 é sequestrado na cidade de Buenos Aires, numa mesma operação sincronizada em que desaparecem o dirigente chileno Edgardo Enríquez e a cidadã brasileira Maria Regina Marcondes Pinto, além de todo um grupo de chilenos. A sincronia desta operação com o golpe de estado na Argentina (24 de março de 1976) indica que já estavam sob vigilância, sendo aguardada a “via libre” após a quebra da democracia. Seu profissionalismo e perfeita ocultação, levam à dedução de que se tratou de uma ação da Operação Condor chilena, combinada com os serviços secretos argentinos.

Cidadãos e cidadãos brasileiros sequestrados ilegalmente no Chile

Santiago

Estádio Nacional, incluindo alguns destinos prévios

Acacio Francisco Araujo Santos, turista
Adolfo Sobosk Tobias, comerciante
Alfredo Lopes Ferreira, estudante, Escola de Sub-Oficiais de Carabineros, duas vezes preso no Estádio
Anatailde de Paula Crespo, PE, vendedora
Anette Goldberg, RJ, estudante
Angela Arruda de Carvalho, RJ, professora de idiomas, Quartel da FACH
Angela Maria de Brito Portocarrero
Angelina Teixeira Peralva, RJ, Regimento Buín
Antonio José de Barros Lopez
Antonio Paulo Ferraz Nascimento, estudante
Antônio Torres Martins, cabeleireiro
Arthur Jader Cunha Neves, médico
Bernardino de Figueiredo, SP, posto Carabineros Cerrillos
Carol Stalin Pires Leal
Cláudio Benedito, bailarino
Clayton Duarte Netz
Dirceu Luiz Messias, RS, operário da Maestranza JEMO, Ginasio Chile
Edi Rodriguez de Almeyda, dona de casa
Eliete Ferrer Cebrián, RJ, estudante

Enio Bucchioni Araujo, SP, Ginásio Chile
Fernando Braga Batinga de Mendonça, BA, poeta
Gilberto de Almeida, BA, economista, Delegacia de Las Condes
Guido de Souza Rocha, MG, escultor
Iedo Leites Fontes, estudante
Iracema Maria dos Santos
Ivan (nome familiar em pesquisa), Escola de Sub-Oficiais de Carabineros
Ivens Marchetti do Monte Lima, RJ
Jaime Wallwitz Cardoso, RS, estudante, Ginásio Chile
João Antonio Arnaud Heredia, RS, estudante
João Ernesto Maraschin, RS, estudante, Quartel da FACH
João Sérgio Barreto Leite Sanz, RJ, cineasta
Joelivan Pinheiro Conceição, turista
José Alves Neto, SC, Ginásio Chile
José Araujo da Nóbrega, SP, militar, rio Maipo após Estádio
José Blues de Souza, estudante
Jose Carlos Avelino da Silva
José Serra, SP, economista, Quartel Central de Carabineiros
Lycio Silva Hauer, RJ, ex-deputado
Lino Renato de Souza, visitador médico
Luciano Alves Duffrayer
Lucio Flavio Uchoa Regueira, RJ
Luiz Carlos Baranovski, RJ
Luis Carlos Almeida (+D), Delegacia de Barrancas, rio Mapocho após Estádio
Luis Carlos de Almeida Vieira, Delegacia de Barrancas
Luis Carlos Fabbri Cardozo, médico
Luiz Carlos Pires Fernandes, MG, cineasta
Luiz Carlos Guimaraes, RJ, jornalista, posto de Carabineiros, Ginásio Chile
Luiz Carlos Sarzedas, RJ, artesão
Maria Alice Campos Freire, professora
Maria Beatriz Albuquerque
Maria das Dores Romaniolo de Mattos, delegacia de Bairro
Maria das Graças Rodrigues do Amaral, dona de casa
Maria do Socorro Soares, turista
Mauricio Dias David, MG, economista CORFO, Min. da Defesa
Miguel Costa dos Santos, professor universitário
Milton Fernandes Borges
Miriam Fineberg Lent
Nanci Marietto, SP, Posto Carabineros Cerrillos
Nelson Serathiuk, PR, Ginásio Chile

Nereida Nogueira Pinheiro Conceição, dona de casa
Nielsen de Paula Pires
Nilson Antonio Ronchi, religioso marista
Nilton Bahlis dos Santos, RS, estudante
Osni Geraldo Gomes, SP, operário
Otto Brockes Lopes, PR, médico, delegacia de bairro, Quartel de Investigaciones
Paulo de Tarso Gianini Araújo
Paulo Roberto Benchimol das Neves, agrônomo
Pedro Alves Filho
Pedro Chaves dos Santos, SP, técnico agrícola da CORA
Pedro Henrique Leitão da Cunha Wrede, Ginásio Chile
Pedro José Maria Rabelo, MG, estudante, Ginásio Chile, Estádio Nacional, Ginásio Chile outra vez
Pedro Viana de Almeida Gomes, diretor de teatro
René Louis de Carvalho, RJ, bolsista em Economia , Quartel da FACH
Reinaldo Mestrinel, jornalista
Ricardo de Azevedo, SP, Ginásio Chile
Roberto Heinz Metzger, RS, gráfico, Batalhão Comunicações, Ginásio Chile
Roberto Ribeiro de Barros, SP, bancário
Samuel Baba, médico
Sergio Augusto de Moraes, engenheiro
Sergio Davet, RJ, turista
Silvério Ferreira Soares
Solange Bastos da Silva, RJ, tradutora
Tarzan de Castro Ramos, GO
Tomas Togni Tarquinio, fotografo, estudante da U. de Chile
Valter Vuolo Stevano, programador CEIADE
Vania Mendes Araújo
Vera Lúcia Thimoteo Ferreira, RJ, estudante UCh, Min. da Defesa
Victor Fernández Rodríguez, estudante
Vitorio Seratiuk Hudema, PR, estudante-artesão, delegacia de bairro
Wanio José de Mattos (+), SC, militar, delegacia de bairro
Washington Alves da Silva, SC
Zelda Maria de Mello Torres, secretaria

Delegacia não identificada

Elisabeth Vargas, RS, estudante
Jorge Mattoso, RS, estudante
Roberta Romaniolo de Mattos, SP, ainda bebê

Terraço de prédio no Centro

Eliete Ferrer Cebrián, RJ, licenciada em História
Leyla Glória Simões, RJ, artista plástica
Lilliam de Fátima Simões Cardoso, RJ, psicóloga

Delegacia de Recoleta

Jurandir Antonio Xavier

Posto Carabineros Cerrillos

Leda Maria Gitahy Caira, SP, socióloga

Quartel Central de Polícia de Investigação General Mackena

Encarnación Lopes, SP, Quartel de Gal. Makena
Leopoldo Paulino, SP, Quartel de Gal. Mackena

Regimento Tacna

Tulio Roberto Cardoso Quintiliano, RJ, (+D), engenheiro, Escola Militar

Escola Militar

Beatriz Narcisa Verri Whitaker, RJ, socióloga

Batalhão de Infantaria de Las Condes

Ubiratan Kertzsch, RS, militar

Paulo Santos Lopes, RS, estudante U. de Chile

Outras cidades

Antofagasta

Ney Rocha Cunha, PA, sociólogo, abandonado no deserto de Atacama.

Osorno

Jun Nakabayashi, SP, professor de Sociologia U. Osorno, Quartel de Osorno

Rancagua

Paulo Roberto Telles Frank, RS, militar.

Talcahuano

Base Naval/ Escuela de Grumetes na Ilha Quiriquina

Aurea Maria Assef, RJ.

Eder Simão Sader, SP, professor, Universidade de Concepción (U de C).
Ednaldo Miranda de Oliveira, PE, engenheiro
Eli Suhany Rodrigues.
Frederico Oliveira de Menezes, PE, professor de Economia (U de C).
Joaquim Thomas Jayme, GO, maestro e professor de música (U de C).
José dos Reis Santos Filho, RJ, estudante (U de C).
Lucio França Teles, MG, estudante (U de C).
Luiz Antonio Correia de Carvalho, RJ.
Luiz de Moraes Costa Filho, PE.
Maria Lucia Pereira de Sampaio, RS, estudante *Universidad Tecnica del Estado*.
Maria Regina de Toledo Sader, SP, professora (U de Concepción).
Maria Virginia Paiva, RJ.
Pedro Paulo Bretas, MG, trabalhador, Petroquímica Chilena.
Renato Peixoto Dagnino, RS, trabalhador químico.

Valdívia

Beluce Bellucci, PR, Regimento Maturana, Isla Teja, Quartel de Osorno.

Valparaíso

Adolfo Salas Carvano, Zona Naval Valparaíso, Navios Lêbu e Esmeralda.
Maeth Domingos Tonella Boff, RS, professor, ZN Valparaíso, Navios Lêbu e Esmeralda (insígnia da Marinha Chilena).
Vicente de Paula Faleiros, professor de Serviço Social, ZN Valparaíso, navio Lêbu.

Em recordação de falecidos não políticos

Eduardo Dória Lucas de Oliveira, criança, (RS)
José Falcón, poeta (BA)
Micaela Steigleder Metzger, bebê (Brasil-RS/Chile)
Nelly Kugelmas, estudante (SP)
Risoleta Guimarães Martins, funcionária federal (MG)

O antigo Estádio Chile é o atual Estádio Victor Jara. Para eliminar a permanente confusão com o Estádio Nacional (Bairro Ñuñoa), aqui é nomeado Ginásio Chile (Centro da cidade), pois é um ginásio para esportes de quadra, recitais musicais, encontros políticos. Foi usado como depósito de passagem de sequestrados, em 1973.

A presente lista é responsabilidade do Comitê Carlos de Ré da Verdade e Justiça do Rio Grande do Sul. Está em permanente elaboração. Sua confiabilidade é razoável, se evita colocar informações pouco sustentadas, cruzam-se fontes primárias e/ou secundárias para aprovar cada dado. Há margem de erro, motivada por: má informação, erros de grafia, nome falso, contra inteligência, inversão de sobrenomes, desídia de vítimas. Primeira edição em setembro de 2017. Quarta edição em 11 de maio de 2025.

A disponibilização deste material no site do Núcleo de Pesquisa sobre Políticas de Memória (NUPPOME) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi articulada junto à coordenação do Núcleo e autorizada por Raul Moura Ellwanger, representando o Comitê Carlos de Ré da Verdade e da Justiça do Rio Grande do Sul, em junho de 2025.

Realização



Apoio

